

## 4. PAI TODO PODEROSO

### 4.1. Introdução

O “judeu-cristianismo” revolucionou a concepção que até então a humanidade tinha de Deus. A diferença radical entre a imagem de Deus no “judeu-cristianismo” e nas outras religiões encontra-se naquilo que podemos convencionar chamar de **“proximidade de Deus”**. O Deus “judeu-cristão” não está distante do povo; pelo contrário, se dirige ao povo com um amor providente; compromete-se com ele; entra na história humana. **“É um Deus imanente, mas que não perde sua transcendência”**. Nas outras religiões é o ser humano que busca Deus; no “judeu-cristianismo”, é Deus que busca o ser humano.

### 4.2. Deus Pai no Antigo Testamento

Como falar de um Pai na relação com o Deus do Antigo Testamento, que se mostra violento e sanguinário? Vamos ver como a revelação veterotestamentária foi gradualmente purificando a imagem de Deus, até concebê-lo como Pai.

#### 4.2.1. Um Deus guerreiro e sanguinário?

Deus se revela ao povo hebreu durante a fase primitiva da humanidade. Os costumes deste povo eram rudes. A vida dos seres humanos, em particular dos inimigos, tinha pouco valor. O povo hebreu, assim como os demais povos ao longo de sua história, luta por sua independência e sobrevivência. Acalenta desejos de conquista. Tudo isso produziu muito derramamento de sangue. Da agressividade dos costumes são eco as estipulações da Lei mosaica: **“olho por olho, dente por dente, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe, por golpe” (Ex 21, 24-25)**. Aliás, essa prescrição já foi um grande avanço, pois delimitou o direito de vingança.

Os hebreus, nesse período, concebiam as bênçãos de Deus apenas no plano histórico: longa vida, muitos filhos, prosperidade material e, logicamente, a vitória nas batalhas contra os inimigos. Eram monoteístas, porém concebiam Deus como o **“Deus de Israel”**, oposto aos deuses dos outros povos. Não tinham ainda a concepção de que há um só Deus para todos os povos. Além disso, terão que superar o costume dos sacrifícios humanos, como mostra o episódio de Abraão e Isaac (cf. Gn 22, 1-14). Durante muito tempo, o povo hebreu não teve nenhuma perspectiva de vida após a morte. A justiça de Deus era exercida tão somente aqui na terra.

Portanto, quando o povo hebreu fala de Deus o faz a partir de sua rude cultura humana e religiosa. Descreve Deus com uma mescla de traços próprios de sua época, numa **“linguagem antropomórfica”**, ou seja, com sentimentos de um homem violento e com sua própria linguagem guerreira. Acredita que Deus o acompanha em seus combates, luta ao seu lado, e entrega seus inimigos para que os extermine. Quando sofre uma derrota, Israel compreende, então, que pecou, e que Deus quis fazer-lhe uma advertência.

Essa imagem de Deus foi sendo purificada ao longo da história. Deus mesmo vai revelando-se gradativamente ao povo judeu, e assim, esse povo, vai abrindo-se a uma imagem totalmente nova de Deus, que atingirá sua consumação em **“Jesus Cristo”**. Deus mesmo transforma

a imagem de Deus. A verdadeira imagem de Deus está muito além da capacidade humana: **“o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, foi isso que Deus preparou para aqueles que o amam” (1Cor 2, 9).**

O Deus do Antigo Testamento não é definitivamente o Deus que castiga e extermina, mas é um Deus que revela sua profunda **“bondade”**.

#### 4.2.2. Um Deus bondoso, misericordioso

Israel compreendeu que Deus é bom e misericordioso. Ele dá oportunidade ao pecador para arrepende-se e converter-se. Basta observar o episódio da apostasia de Israel, quando o povo confeccionou e adorou um bezerro de ouro: **“(…) Deus de compaixão e piedade, lento para a cólera e cheio de amor e fidelidade” (Ex 34, 6b).**

Os eventos históricos, que levam Israel a constituir-se como povo, são relidos à luz de um Deus amoroso que escolhe e elege, que defende e liberta, que promete e cumpre o juramento. Apesar das repetidas infidelidades do povo, Deus corresponde sempre por meio do perdão e da proteção, que exprimem seu amor benevolente por Israel.

Os profetas, repetidas vezes, falarão do amor de Deus para com Israel usando como termo de comparação a própria experiência do amor conjugal. **“Oséias”** (século VIII a.C.) pode ser considerado o autor que mais utiliza esse recurso. Ele é chamado por Deus para imprimir em fatos de sua vida matrimonial o drama do amor genuíno de Deus para com seu povo e as infidelidades desse mesmo povo.

A vida conjugal de Oséias refletia a relação “adúltera” que Israel havia construído com os “deuses” dos povos vizinhos. Especialmente a adoração a **“Baal”**, deus dos cananeus, com seus ritos de fecundidade. O culto a Baal pressupõe a transgressão do primeiro mandamento do decálogo. Era a Baal que se atribuía a fertilidade do solo, as chuvas e as colheitas. Quando a terra produzia, agradecia-se a Baal praticando o seu culto; quando havia carestia, realizavam-se ritos para implorar de Baal a fecundidade do solo.

Deus “chama” Oséias para falar ao povo de Israel, mas antes pede que ele tome como esposa uma mulher infiel, **“Gomer”** (cf. Os 1, 2-3). Depois de lhe dar três filhos, Gomer foi infiel a Oséias. Essa sofrida experiência serviu a Oséias para compreender e exprimir as relações entre Deus e o seu povo. Deus é o marido; Israel a esposa.

Israel abandonou seu marido para ir com outro deus, Baal. Por isso, falando dos pecados do povo, Oséias o qualifica como “adultério”, “fornicação”, “prostituição”. E quando fala do amor de Deus, concebe-o como um amor apaixonado de esposo, que se sente ofendido, mas que perdoa e sempre dá a oportunidade de um novo recomeço (cf. Os 2, 16-22).

Diante da infidelidade da mulher, o marido tem três opções. Primeiramente, pensa recorrer à astúcia, para que a esposa não vá para os braços do amante e retorne a ele: **“Por isso, eis que obstruirei com espinhos o seu caminho e erguerei uma muralha e assim não encontrará as suas veredas. Perseguirá os seus amantes, mas não os alcançará; procurá-lo-ás,**

mas não os encontrará. Então dirá: **‘Voltarei ao meu primeiro marido, porque outrora era mais feliz do que agora’** (Os 2, 8-9).

Mas esta solução parece muito branda ao marido. Num ímpeto de cólera, ele resolve então castigar a esposa publicamente e com dureza: ela queria estar nos braços do amante, pois bem, será ele mesmo, o marido, a levá-la até o amante, para desmascará-la e humilhá-la, tornando, assim, público seu pecado e despojando-a de todos os seus bens (cf. Os 2, 11-14).

Também esta possível “solução”, o castigo, não satisfaz o marido. Pode aplacar sua cólera, mas não resolverá o problema. O amor é maior que a humilhação. Vem então a terceira solução: a ternura e o perdão: **‘Agora, sou eu que vou seduzi-la, vou levá-la ao deserto e conquistar seu coração. (...) Aí ela vai me responder como nos dias de sua mocidade, como no dia em que saiu da terra do Egito’** (Os 2, 16-17). Somente o “afeto” pode salvar o matrimônio que está à deriva. Astúcia e dureza não servem para nada.

É importante notar que neste processo a esposa não age. É o marido, Deus, a ter a iniciativa em todos os momentos. A esposa não pensa em mudar de conduta. Será Deus a obter sua conversão pela força do afeto, do amor e da fidelidade, como indica o fechamento do poema: **‘Desposar-te-ei para sempre, (...) com amor e afeição; desposar-te-ei com fidelidade, e trarás conhecimento com o Senhor’** (Os 2, 21-22). O texto não fala de conversão da esposa, o acento recai sobre o amor gratuito de Deus.

A profecia de Oséias é uma novidade na revelação veterotestamentária. Na época, prevalecia a ideia de que Deus, sendo santo, não poderia tolerar o pecado, por isso, deveria punir exemplarmente o pecador. Oséias utiliza um argumento bastante diferente: **‘se Deus fosse homem com certeza seria tomado pela ira, agiria com dureza e violência; mas, justamente, porque Deus é santo, Ele perdoa’** (Os 11, 9-10).

O último poema do livro de Oséias (cf. 14, 2-9) insiste nessa mesma ideia. O profeta começa exortando à conversão, que deve concretizar-se na renúncia a todos os ídolos sobre os quais o povo colocou sua confiança: alianças com nações poderosas, exércitos e deuses estrangeiros (cf. Os 14, 2-4). A este ponto do poema deveria seguir-se uma liturgia penitencial do povo, mas isso não acontece: Deus age imediatamente anunciando o seu perdão por pura benevolência: **‘Sanarei suas feridas, amá-lo eis com amor generoso, sem que mereçam (...)’** (Os 14, 5). O perdão divino precede o arrependimento do povo.

Outros profetas, como Ezequiel e Jeremias, não se distanciam dessa perspectiva. **‘Jeremias’** (séculos VII-VI a.C.) resgata a linguagem metafórica para expressar o amor de Deus pelo povo de Israel: **‘(...) Eu amei você com amor eterno; por isso conservei meu amor por você’** (Jr 31, 3). Enfim, o Deus de Israel não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva.

### 4.2.3. Um Deus que é Pai

No Antigo Testamento, a ideia de um Deus que é Pai, está embasada numa relação de pertença mútua: **‘Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo’** (Lv 26, 12). Esta relação recíproca faz de Deus o Pai de seu povo, e de Israel seu filho. Trata-se na realidade de uma

“adoção”, fruto de uma livre escolha e atrelada a uma relação contratual, ou seja, vinculada a uma aliança.

O rei de Israel será chamado por isso de “**filho de Deus**”; porém, não só ele, pois este título vale para todo o povo. O sentido da expressão é simbólico com relação à paternidade terrestre. Destaca, não o vínculo da geração, mas da relação afetiva que se estabelece entre Deus e Israel. Por isso, Deus pode ser chamado de o “Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó”. A paternidade veterotestamentária é, antes de tudo, expressão de uma relação afetiva.

Na imagem paterna pode-se sublinhar dois aspectos: a obediência e a bondade. O filho deve respeito e obediência ao Pai. No entanto, o Pai está repleto de bondade, de ternura, de benevolência para com seu filho. Sustenta-o, mas, quando necessário, adverte-o. É a história de Israel!

O termo “Pai” se fará corrente nas orações judias; nelas se invoca a Deus como a um Pai. Contudo, a invocação de Deus como Pai está distante da importância que terá no Novo Testamento, com Jesus Cristo.

### 4.3. Deus Pai no Novo Testamento

Jesus reivindica uma relação pessoal, única, com Deus, chamando-o “**Abba**”, que significa literalmente “**Papai**”. *Abba* evoca a intimidade familiar existente entre pais e filhos; tem uma conotação de “**carinho**”. É um termo típico da linguagem infantil e que, justamente por isso, não encontra paralelos nas orações judaicas da época. Consequentemente, Jesus sempre se encontra com o “Pai” numa familiaridade espontânea e imediata. Vive numa comunhão plena com o Pai. Ama o Pai e faz sua vontade cumprindo sua missão até o fim. Obedece não como um escravo atemorizado, mas como um filho amoroso.

A paternidade de Deus, além disso, não se esgota em Jesus, mas, por meio dele, se abre a todos o que o Espírito Santo, através do sacramento do batismo, transforma em irmãos e irmãs de Jesus, “**filhos de Deus em Cristo**”, ou melhor, “**filhos no Filho**”. Todas as pessoas em Jesus podem invocar Deus como Pai, *Abba*, e senti-lo como tal.

### 4.4. Deus Todo Poderoso

É o Deus que tem todo o poder no céu e na terra. Trata-se de uma onipotência cósmica e histórica. Deus é Senhor da criação, assim como também da história de Israel. Ao longo do tempo, o povo de Israel experimentou o poder divino, sendo conduzido por Deus “**com mão forte e braço estendido**” (cf. Dt 7, 19b).

Mas Deus é igualmente “Todo Poderoso”, onipotente, no presépio e na cruz de Jesus. A onipotência divina é uma “**onipotência amorosa**”, e Deus é a tal ponto poderoso que pode manifestar seu amor absoluto no absolutamente contrário ao poder. O Deus que conduziu seu povo, com mão forte e braço estendido, é o mesmo Deus que permite que seu Filho unigênito estenda os braços na cruz, num sinal de “impotência total”. É o ponto culminante da “**onipotência do amor**”.